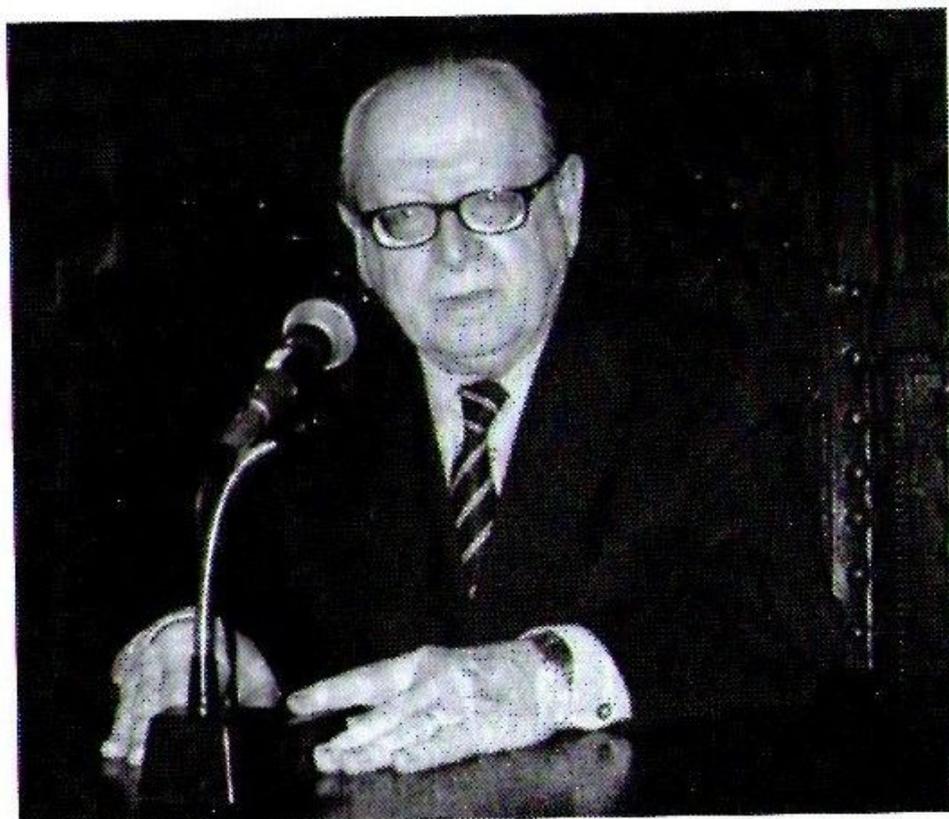


## **NOSSO HOMENAGEADO PROF. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA**



### **NOTAS BIOGRÁFICAS DE EVANILDO BECHARA**

**RICARDO CAVALIERE**  
(VICE-PRESIDENTE DA ABRAFIL)

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no bairro de São José, Recife, a 26 de fevereiro de 1928, filho primogênito da dona de casa maranhense Maria Izabel Cavalcante Bechara e do comerciante libanês João Bechara, que chegara ao Brasil quando contava apenas 5 anos de idade. Com a morte prematura do marido, aos 27 anos, D. Maria Izabel ficou com a responsabilidade de criar os cinco filhos, Evanildo, Moisés, Everaldo, João e Janete, todos menores de idade. No ano em que João Bechara morreu, um amigo da família, empregou o jovem Evanildo em sua loja comercial. A função do novo empregado era espanar diariamente as prateleiras do prédio de três andares em que funcionava a loja e apanhar as mercadorias nos andares superiores.

Após um ano de trabalho na loja comercial, a vida de Evanildo começa a seguir um outro rumo. Ciente de que o filho não teria futuro naquela função subalterna, D. Maria Izabel resolve enviar o garoto, já então com doze anos de idade, para o Rio de Janeiro, a fim de completar os estudos sob a tutela do tio-avô Benedito Clímaco de

Holanda Cavalcante, capitão do Exército. Após pôr o filho no Itaité, que à época seguia sempre esplendidamente iluminado, para não ser alvo fortuito das bombas aéreas que vez por outra cruzavam o Atlântico, D. Maria Izabel enviou um telegrama ao Capitão Benedito, em que dava conta de sua decisão, com a observação de que, caso o capitão não pudesse acolher o jovem Evanildo, o garoto deveria seguir todo o trajeto do navio, até o Rio Grande do Sul, para depois retornar ao Recife.

Chegado ao Rio, Bechara já cursara o primário no Ginásio do Recife e no Colégio Marista, sendo que, após a morte do pai, passara para a escola pública; posteriormente, preparou-se para o concurso de admissão ao ginásio com um professor particular. Como chegara ao Rio sem o certificado, viu-se obrigado a repetir o admissão no Ginásio Le Vergé, situado no Méier. Os anos vividos na casa do tio-avô Benedito, que, coincidentemente, havia perdido o filho durante a epidemia de gripe espanhola, foram decisivos para a formação moral e educacional de Evanildo Bechara. Com o tempo, o tio relacionou-se com o sobrinho em afetuosa amizade, solidificada por uma educação primorosa, eivada de atenções e preparo moral.

A necessidade de ajudar a mãe e o bom desempenho nas tarefas discentes conduziram o jovem Evanildo às primeiras experiências como professor. À época, havia muita reprovação nas classes escolares e a atividade de explicador era rentável, de sorte que, quando estava no terceiro ano ginásial, começou a dar aulas particulares. Na ocasião, servia-lhe como modelo de mestre o Prof. Odeval Machado, que deu grande impulso a sua vocação para o magistério. Foi aluno de latim do Prof. Pompilio da Hora, cujo excelente curso o introduziu cedo nas sendas da língua de Cícero.

As aulas particulares eram de Matemática, Português e Latim, sobretudo as duas últimas disciplinas, que eram as que mais reprovavam os alunos em primeira época. A Matemática estava entre as disciplinas de sua preferência devido ao interesse que então tinha de ingressar na carreira militar, como engenheiro aeronáutico, resultado das inúmeras visitas ao Campo dos Afonsos em companhia do tio. No entanto, a forte miopia cedo o fez desistir de Aeronáutica; ademais, a maior procura por aulas de português e latim levou-o a estudar estas disciplinas com maior zelo, ciente de que deveria demonstrar bom preparo em suas lições particulares.

A leitura de *A lexicologia do português histórico*, de Manuel Said Ali fez de Bechara grande admirador do filólogo fluminense, de tal sorte que cedo procedeu à leitura atenta de toda sua obra à época publicada: *Gramática secundária*, *Gramática histórica*, *Dificuldades da língua portuguesa* e *Meios de expressão e alterações semânticas*. Posteriormente, Bechara manteve contato pessoal com Said Ali, mediante regulares encontros na residência do velho mestre, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro.

Na época em que começaram os encontros com Said Ali, também ocorriam as primeiras reuniões da Academia Brasileira de Filologia no Colégio Pedro II, por ini-

ciativa dos professores militares, entre eles o coronel Altamirando Nunes Pereira. Bechara, que tinha boa relação com o filólogo mineiro Lindolfo Gomes, membro correspondente e, depois, membro efetivo da Academia, costumava acompanhá-lo às reuniões, pois a surdez de Lindolfo Gomes não lhe permitia andar desacompanhado na rua. Foi nessas reuniões da Academia Brasileira de Filologia que Bechara, ainda jovem, conheceu grandes nomes da Filologia brasileira, tais como Antenor Nascentes, Clóvis Monteiro e os demais membros fundadores como Serafim da Silva Neto e Mattoso Câmara.

Com a conclusão do ginásio no Colégio Le Vergé, Bechara transfere-se para o Instituto La-Fayette, conceituado educandário situado no bairro da Tijuca, onde se matriculou no curso clássico. Já ao final do primeiro ano, foi convidado pelo professor La-Fayette Cortes para ministrar aulas particulares a colegas de classe que sentiam dificuldade de acompanhamento dos estudos.

Em 1948, Bechara obtém o título de bacharel em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, onde foi aluno de Antenor Nascentes e de Celso Cunha, e, no ano seguinte, sai licenciado para o exercício do magistério. Um fato interessante: na missa de formatura: Said Ali, já perto de seus noventa anos, comparece para prestigiar o pupilo. A carreira docente, importante notar, iniciara-se antes, pois, quando estava ainda no primeiro ano da faculdade, prestou o denominado “exame de suficiência”, que conferia autorização aos aprovados para lecionar a título precário.

O talento precoce também se expressa no fato de, aos dezesseis anos de idade, haver escrito seu primeiro livro, *Fenômenos de intonação*, com prefácio do Lindolfo Gomes (que se resumia no texto que havia apresentado a Said Ali quando conheceu o mestre). O livro, no entanto, veio a lume apenas em 1946, ano em que Bechara completou dezoito anos, mandado imprimir por um amigo de seu pai, como presente de aniversário.

Terminado o curso de Letras Neolatinas na Faculdade La-Fayette, Bechara é encaminhado por Said Ali a Clóvis Monteiro e, posteriormente, a Antenor Nascentes, de quem fora (seu) aluno de alemão no Pedro II, pleiteando uma vaga no conceituado educandário federal, ou mesmo na Prefeitura do Distrito Federal. Bechara, entretanto, somente viria a trabalhar como horista do Colégio Pedro II, por indicação do filólogo Júlio Nogueira (também a pedido de Said Ali em uma carta de 1949), entre 1955 e 1962, quando foi efetivado por lei federal.

Em 1950, Evanildo Bechara casa-se com Ely Chauvet Bechara, com quem teve três filhos: Evanildo, Enildo e Evaldo, o primeiro falecido em maio de 2007. Nos primeiros anos de casamento, viveu na Rua Jaime Benévolo, bairro do Méier, atuando como professor de português no Colégio Dois de Dezembro. Em 1954, Bechara inicia participação em uma série de concursos públicos, que dão rumo definitivo a sua exi-

tosa carreira docente. Primeiro, concorre a uma vaga no magistério do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); depois, tenta o ingresso no magistério da Prefeitura do Distrito Federal em dois concursos: para o ginásio e para o curso colegial. Tenta, ainda, uma vaga no corpo docente da Escola Técnica Federal, de tal sorte que, no período de apenas uma semana, submete-se a três exames: num domingo, para a Prefeitura do Distrito Federal – curso ginásial, no sábado seguinte, para a Escola Técnica Nacional e no domingo, para a Prefeitura do Distrito Federal, curso colegial. Resolve assumir um cargo na Prefeitura do Distrito Federal e outro na Escola Técnica Nacional.

Ainda em 1954, prestou concurso para professor catedrático do Colégio Pedro II, com a tese *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*, dedicada a Said Ali, havendo auferido grau dez na prova escrita. O bom desempenho no concurso do Colégio Pedro II serviu para convencer de vez a Júlio Nogueira quanto à oportunidade de aproveitar o ex-pupilo do velho mestre fluminense como professor horista do prestigiado educandário, o que, entretanto, só viria a efetivar-se quatro anos depois, em 1958. O ano de 1954, repleto de fatos relevantes, vem também a testemunhar o lançamento de seus *Primeiros ensaios sobre língua portuguesa*, pela Livraria São José

Assim, investido nos cargos de professor do Distrito Federal, de professor da Escola Técnica Nacional, além do ensino privado, Bechara ingressa no ano de 1955 com uma carreira docente já consolidada, a que se aliava crescente prestígio no meio acadêmico. Lotado no Colégio Visconde de Cairu, próximo a sua residência no Méier, Bechara em pouco tempo é removido para assumir a quarta série ginásial do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, por designação do Prof. Cândido Jucá (Filho). No Instituto, encontrou um corpo docente de Língua Portuguesa constituído por nomes como Ismael Coutinho, Sílvio Elia, além do próprio Cândido Jucá (Filho).

Na década dos anos 60, a carreira de Evanildo Bechara ganha novos contornos, agora numa dimensão mais abrangente do que a docência em língua portuguesa. Em 1960, aceita o cargo de assistente de Antenor Nascentes no Instituto La-Fayette, posteriormente incorporado pela UEG, atual UERJ; nesse mesmo ano, incentivado pela voz amiga de Cândido Jucá (Filho), elege-se para ocupar a cadeira n.º 16 da Academia Brasileira de Filologia, em decorrência do falecimento de Serafim da Silva Neto. Já em 1961, vem a lume a *Moderna gramática portuguesa*, obra que projetaria o nome de nosso grande filólogo além das fronteiras nacionais.

Com a incorporação do Instituto La-Fayette à Universidade do Estado da Guanabara (UEG), sucedânea da Universidade do Distrito Federal (UDE), em 1962, Bechara resolve galgar a livre-docência de Filologia Românica com a tese *O futuro românico: considerações em torno de sua origem*. Antes, no mesmo ano de 1962, concorre a uma das três vagas para a cátedra de Língua Portuguesa do Instituto de

Educação do Rio de Janeiro, certame de que também participaram Dirce Cortes Riedel, Leodegário Amarante de Azevedo Filho e Petrônio Motta, com a tese *Said Ali e sua contribuição para a língua portuguesa*.

Com a aposentadoria de Antenor Nascentes em 1963, Bechara assume no ano seguinte a cátedra de Filologia Românica da UEG com a tese *Estudos sobre a sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae*. Curiosamente, uma das teses escritas por Evanildo Bechara, intitulada *Uma fonte importante para o conhecimento da língua do século XVI: os estudos de José Maria Rodrigues*, mantém-se inédita até hoje, devido à suspensão de dois concursos públicos, um no colégio Pedro II, outro na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1971, Evanildo Bechara é convidado pelo Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchôa para integrar o corpo docente do curso de mestrado em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), na qualidade de professor visitante de Língua Portuguesa. Com a aposentadoria no antigo cargo da Prefeitura do Distrito Federal, absorvido pelo Estado do Rio de Janeiro, Bechara torna-se professor efetivo da UFF. Mais tarde, em 1985, concorre com Gladstone Chaves de Melo à vaga de professor titular de Língua Portuguesa da mesma universidade, perante a banca composta por Rosalvo do Valle, Sílvio Elia, Olmar Gutierrez da Silveira, Ângela Vaz Leão e Albino de Bem-Veiga, com a tese *As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização*, havendo-se posicionado em segundo lugar. Com a aposentadoria de Gladstone em 1986, Bechara assume a titularidade de Língua Portuguesa, cargo que exerceu até 1998, quando sai compulsoriamente do serviço público.

A experiência em cargos administrativos ao longo de sua produtiva carreira revelou um Bechara empreendedor e igualmente vocacionado para as tarefas burocráticas. Em 1964, por convite dos professores Paulo Amélio e Antônio Carlos Amaral, aceitou a secretaria do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro (CEERJ), onde trabalhou durante dez anos. Mais tarde, tornou-se conselheiro do CEERJ, com mandato de 1978 a 1984. Ao longo de sua carreira, dedicou-se a relevantes cargos diretivos nas instituições educacionais em que trabalhou: diretor do Instituto de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, nos anos de 1974 e 1975; diretor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro entre 1976 a 1979; chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 1981 a 1984; novamente empossado como diretor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no período de 1984 a 1987; chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Em 1987, Evanildo Bechara casa-se em segundas núpcias com a professora Marlit Silva Cavalcante Bechara. Na época em que estava no comando da secretaria

do CEERJ, Bechara é contemplado com sua primeira possibilidade de trabalhar no exterior. O governo espanhol oferecia uma bolsa de pesquisa para o Brasil, na modalidade que hoje é mais conhecida como estágio de pós-doutoramento. Havia no CEERJ dois conselheiros ligados ao governo espanhol, o Padre Artur Alonso e o Prof. Leônidas Sobriño Porto, que indicaram o nome de Evanildo Bechara como concorrente.

Por tal motivo, Bechara parte em 1966 para a Espanha, onde estudou Filologia Românica, na Universidade Complutense de Madrid, com Damaso Alonso, a quem fora recomendado com louvores pelo amigo Antenor Nascentes. Dentre outros cursos, fez o de história do espanhol com Rapael Lapesa e o de latim vulgar com o Diaz y Diaz. A segunda experiência internacional de Bechara ocorreu na Universidade de Colônia, na função de *Gastprofessor*, entre em 1971 e 1972, por indicação do Prof. Isidro Facó, que lecionava na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em colônia, Bechara vem a conhecer Harri Meier, que lecionava em Bonn, além de outros germanistas de escol como Fritz Shalk e Dieter Woll. Mais tarde, é convidado pelo Prof. José van den Besselar, romanista de larga experiência, para ministrar cursos de gramática portuguesa na Universidade de Nimega, onde atuou intermitentemente durante alguns anos.

Em 1987, Bechara chega a sua terceira experiência no exterior, mediante convite do Prof. Aníbal Pinto de Castro para atuar como professor visitante na Universidade de Coimbra, onde trabalhou durante um ano nas disciplinas de Sintaxe e Didática da Língua Portuguesa. Por indicação de Eugenio Coseriu e Ivo Castro, Bechara viria a ser acolhido pela *Société de Linguistique Romane*, instituição em cujo *Comité Scientifique* trabalhou entre 1996 e 1999.

Duas universidades brasileiras reconheceram-lhe o exponencial valor intelectual mediante atribuição do título de professor emérito: a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em ato de 1994, e a Universidade Federal Fluminense (UFF), em solenidade realizada em 1998. Em 1999, é eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Os laços de Evanildo Bechara com a causa lusófona vincularam-no ao Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, tradicional instituição cultural que difunde os valores da lusofonia e zela pela preservação dos laços luso-brasileiros. No âmbito do Liceu, Bechara participa da criação do Instituto de Língua Portuguesa, fundado a 28 de março de 1990, com o objetivo de promover o ensino e pesquisa da língua portuguesa em nível superior. Em sucessão a Gladstone Chaves e Melo e, posteriormente, a Silvío Edmundo Elia, Evanildo Behara exerce hoje o cargo de diretor do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, sob cuja responsabilidade é oferecido à comunidade acadêmica brasileira o Curso de Especialização em Língua Portuguesa em nível de pós-graduação *lato sensu*.

Em 11 de dezembro de 2000, Evanildo Bechara é eleito para ocupar a cadeira n.º 33 da Academia Brasileira de Letras (ABL), na sucessão de Afrânio Coutinho, vindo a tomar posse em 25 de maio de 2001. No seio da ABL, atuou como diretor tesoureiro (2002-2003) e secretário geral (2004-2005). Atualmente exerce o cargo de diretor tesoureiro. Ainda no âmbito da ABL, criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, especializada em textos clássicos da gramaticologia portuguesa, integrou a Comissão de Lexicologia e Lexicografia e a Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia. O ano 2000 ainda reservaria para Evanildo Bechara mais um galardão: é distinguido com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra. Citem-se ainda, por necessário, a Medalha José de Anchieta e a Medalha de Honra ao Mérito Educacional, ambas da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, a Medalha Oskar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, e a Medalha Pedro Ernesto, que lhe foi conferida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 1 de novembro de 2007.

O amor e a extremada dedicação ao trabalho mantêm viva a chama que vem alimentando a vida deste professor brasileiro no devir de oito décadas. A rotina de Evanildo Bechara hoje se divide entre a consulta a sua biblioteca que ultrapassa os trinta e três mil volumes, fruto da incessante e obstinada tarefa de colecionar obras raras nos campos da Filologia, da Lingüística, da Literatura e outros tantos conexos, a docência de sintaxe portuguesa no Curso de Especialização do Liceu Literário Português, as atividades administrativas e culturais da Academia Brasileira de Letras e encontros acadêmicos e científicos para os quais é reiteradamente convidado em todos os centros de investigação do mundo.

Esta sinopse da vida escolar e acadêmica é mais uma homenagem que se presta ao excepcional mestre de Língua Portuguesa, Lingüística e Filologia Românica.